

9º CONCURSO LITERÁRIO
DA FACULDADE DE
LETRAS



LÍNGUA PORTUGUESA
CONTO • POEMA • CRÔNICA

LÍNGUA INGLESA
POEMA • MINICONTO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
Escola de Linguagem e Comunicação
Faculdade de Letras

ANTOLOGIA DO 9.º CONCURSO LITERÁRIO DA FACULDADE DE LETRAS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Comissão Organizadora

Carlos Eduardo Pizzolatto
Marcelo Vinicius Tomaz Alves

Comissão Julgadora

Ana Cláudia e Silva Fidelis
Cássia dos Santos
Cristina Betioli Ribeiro Marques
Eliane Fernandes Azzari
Eliane Righi de Andrade
Gabriela Strafacci Orosco
João Paulo Hergesel
Raquel Gomes Marcelino
Renato Gonçalves Lopes

Decanato da Escola

Lindolfo Alexandre de Souza

Direção da Faculdade

Carlos Eduardo Pizzolatto

Secretaria da Faculdade

Marcelo Vinicius Tomaz Alves

Revisão e Editoração

João Paulo Hergesel

Arte de Capa

Departamento de Comunicação

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

A634

Antologia do 9.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas / Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Organização). – Campinas/SP: PUC-Campinas, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-87397-42-9

1. Antologia - Contos, Crônicas e Poemas. 2. Literatura brasileira. I. Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (Organização). II. Título.

CDD 869.908

Índice para catálogo sistemático

I. Antologia - Contos, Crônicas e Poemas : Literatura brasileira

Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516

Pq. Rural Fazenda Santa Cândida | Campinas – SP | CEP: 13087-571

APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos neste e-book os textos selecionados pela Comissão Avaliadora do 9.º Concurso Literário da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Nesta edição de 2023, foram inscritos, ao todo, mais de 60 trabalhos nas 5 categorias do Concurso: Conto, Crônica e Poema em Língua Portuguesa e, em Língua Inglesa, Miniconto e Poema.

A Comissão Avaliadora, composta por docentes da Faculdade de Letras, selecionou, ao todo, 13 textos para a premiação, incluindo 4 menções honrosas, todos eles de estudantes dos cursos de graduação da PUC-Campinas.

Cada página desta coletânea é um mergulho no universo singular de jovens escritores que, por meio de seus contos, crônicas e poemas, oferecem um panorama diversificado da expressão literária de nossa comunidade universitária.

Agradecemos a todos os estudantes, premiados e não premiados, que inscreveram seus trabalhos no Concurso. Que os 13 textos desta coletânea possam inspirar e incentivar tantos outros jovens talentos que ocupam diariamente as salas de aulas, corredores e praças dos dois *campi* da PUC-Campinas a compartilhar suas ideias, sonhos, memórias e histórias na próxima edição do Concurso Literário da Faculdade de Letras.

Finalmente, queremos prestar nossos mais sinceros agradecimentos a cada um dos membros da Comissão Avaliadora, maiores incentivadores da realização desta edição de 2023 do Concurso Literário da Faculdade de Letras. Muito obrigado!

A todos, boa leitura!

Prof. M.º Carlos Eduardo Pizzolatto

Diretor da Faculdade de Letras

Presidente da Comissão Organizadora do 9.º Concurso Literário

“A escrita linear foi dada aos homens para que eles possam ler entre linhas”

Massimo Bontempelli (1878-1960)

SUMÁRIO

CONTOS

Dois garotos que se amam mais do que qualquer um já amou alguém.....	7
Paola Borges Merotti FACULDADE DE DIREITO	
Doze anos.....	10
Maria Vitória Soares Porto FACULDADE DE JORNALISMO	
Madalena (se ainda existe)	13
Diogo Setin Mosna FACULDADE DE JORNALISMO	

POEMAS

Nublado c(éu).....	16
Samara Rudiger Costacoi FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS	
Fragmentos da comunicação.....	18
Jacqueline Linke Saltes FACULDADE DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA	
ikebana.....	19
Débora Silvestre Aguiar FACULDADE DE LETRAS	
Flores e Gracianas.....	20
Camila Rodrigues Santos FACULDADE DE DIREITO	

CRÔNICAS

Escola americana	22
Carolina Figoli Aguirre Zurcher FACULDADE DE MEDICINA	
A clínica do trágico e da ostra.....	24
Caroline Bravo Castellon da Silva FACULDADE DE DIREITO	

Visita de mãe.....	26
Rogério Moreira Benevides	
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO	

POEMS

Vernal Ridge	27
Juliana Peron Gothe	
FACULDADE DE MEDICINA	

Catwalk.....	29
Livia de Resende Bigelli	
FACULDADE DE LETRAS	

SHORT STORIES

The Three Hearts	30
Isabelle França Rocha da Silva	
FACULDADE DE DIREITO	

Dois garotos que se amam mais do que qualquer um já amou alguém

Paola Borges Merotti

FACULDADE DE DIREITO

Ele chega atrasado. Abre a porta tão brutalmente que o relógio na parede parece tremer e sei o que está me dizendo: que ele está atrasado. Ele não bate na porta porque já tem as chaves. Dei tudo o que precisava para ficar mais perto de mim, quis quebrar todas as barreiras, porque, pela primeira vez, senti que valia a pena derrubar às marteladas todas as paredes de tijolo rebocado.

Eu bem me lembro da primeira vez que o vi... eu bem me lembro de todas as primeiras vezes, ao menos com ele.

Me lembro de quando nos encontramos no bebedouro e eu sorri pra ele. Acho que vi algo em seu olhar naquele dia, uma espécie de fogo quase feroz demais que voltou a ser visto em pouquíssimas ocasiões naquele menino. Me lembro de quando eu decidi que ele era o que eu queria. Não era uma questão de provar que eu podia ter qualquer coisa, até porque acho que eu já sabia que podia mesmo.

Ele, introvertido. Sempre no seu canto da sala, rabiscando em um caderno de desenhos, o qual, mais tarde, descobri recheado de talento. Ele, desajeitado, trombando em praticamente todas as mesas do corredor até chegar em sua carteira escondida.

Porra, a gente não tinha nada a ver, às vezes penso, com algo que poderia se assemelhar a um sorriso.

Me lembro de quando eu o toquei, porque ele era tímido demais para tomar qualquer iniciativa. Não me importei, na verdade. Me lembro de pensar em como ele parecia um personagem saído de um livro recém-escrito. Quando eu o toquei, meu coração paralisou, como aquela baboseira toda que aparece nos romances. Me lembro de quando eu o beijei. Já havia beijado diversos garotos, mas de certa forma aquele pareceu quase um primeiro beijo, pois de repente me vi nervoso, como nunca fico, mas também empolgado, e ansioso, e elétrico. Eu sabia que era loucura, até porque mal nos conhecíamos, mas, porra, tenho certeza pra caralho de que o mundo parou por alguns segundos aquele dia. Me lembro de pensar: “Cacete, então é isso! É isso o que todo mundo tanto fala”. Então ele me olhou e acho que percebeu, finalmente percebeu, que era mais do que uma prova pra mim. Era real.

Então eu lhe dei as chaves.

Contudo, hoje ele chega atrasado. Não me olha nos olhos e nem tenta mais encontrar uma desculpa – já estamos bem além das desculpas. Fecho os olhos enquanto sinto seu cheiro e imediatamente sei que ele estava por aí descontando as frustrações com um grupo de falsos amigos em algum bar barulhento. Sei que não beijou outro. Sei, porque acha que tem caráter demais para fazer algo assim; porém, isso não o impede de flertar descaradamente, apesar de acreditar fielmente que só está sendo sutilmente amigável. Hoje eu o conheço bem demais para ler tudo o que se passa dentro dele. Às vezes, gostaria de não o conhecer.

Eu o encaro do sofá enquanto aquele que costumava ser o nosso programa preferido passa na TV. Acho que ele sabe que hoje odeio esse programa e nos odeio por tê-lo destruído para mim. Ele me encara do outro lado da sala com olhos pesados, olhos que eu sei que não são de hoje e sei que não são reflexos da bebida. Fui eu quem transformou seus belos olhos em um olhar sufocante e insustentável que soam quase como uma pintura abandonada no meio do trabalho, quase doloroso de se encarar por muito tempo.

Travamos nossa disputa diária de olhares desgastados, mas nenhum de nós diz nada pelo que parece um tempo interminável e vidas inteiras se passam nesse meio tempo. Tento enumerar todos os motivos de por que ainda estou aqui, tento descobrir todos os motivos de por que ele veio mesmo com o atraso. Meu olhar grita: *por que você continua voltando se odeia o que eu fiz com você?* E o dele sussurra: *por que você continua permitindo que eu volte se odeia a pessoa que se tornou?*

Quando as vidas por fim terminam de passar, ele finalmente caminha até mim cambaleante e para à minha frente como a escultura de Davi. Sinto minha mágoa vibrar, mas ela se silencia. Fixo meu olhar em algum ponto do seu suéter cinza. Já amei esse suéter, mas hoje passei a odiar tudo o que costumava estar na minha lista do que me fez me apaixonar por ele. Ele é alto, tão alto. Sempre gostei disso e da sensação de segurança que me passava, sem que eu soubesse que precisava disso, pois achava que eu me bastava. Todavia, hoje em dia me apavoro, temendo o que somos capazes de fazer um com o outro.

Ele leva gentilmente a mão até o meu rosto, me lembrando de todos os motivos de por que o amo. Agora seu toque é suave. Talvez por medo da minha reação, pois sei que ele teme que eu me retraia, que o mande para longe como já fiz tantas outras vezes, que lhe grite para ir para o inferno e que leve toda as suas tralhas e familiares escandalosos. Sei que ele anda nas pontas dos pés quando se trata de mim, mas hoje eu me permito me sentir amado.

Sei que ele considera minha culpa como tudo desmoronou ao nosso redor e como hoje vivemos rodeados por ruínas entre chamas e estilhaços, mas ele nunca foi bom em reconhecer os problemas que causa. É por isso que não vê que foi ele quem me quebrou. Me vê como um

brinquedo quebrado que não desempenha mais suas funções, mas não tem a coragem de assumir que foi ele que me danificou.

Juro que às vezes gostaria de não o conhecer tão bem e não enxergar seus defeitos. Gostaria de não saber exatamente o que pensa, porque o odeio pelos seus pensamentos e me odeio pelo que pensa de mim. Porque o amo pra cacete, mas desgosto de quem sou ao seu lado... eu, que um dia já iluminei galáxias inteiras. Sinto falta de quando meu amor por ele não tinha falhas, de quando o via como alguém tão inumanamente perfeito. Cacete, no fim sei que é minha culpa por colocá-lo em um pedestal que eu mesmo criei.

Encosto a cabeça em sua barriga, torcendo e desejando e rezando para ainda ser amado por ele. Me apavora estar tão quebrado a ponto de ninguém além dele enxergar as minhas partes boas.

Ele se ajoelha na minha frente, desmontando a estátua perfeita, e coloca seus olhos nos meus. Penso que o amo. Eu o amo tanto que tenho medo do que esse amor pode fazer comigo. Sei que ele está pensando em todos os motivos para ir embora, assim como eu estou me convencendo de todas as razões para levantar e abrir a porta para sua saída, mas ele engole em seco e beija minha testa, não comenta sobre o atraso, tampouco eu. Não ousa falar sobre tudo aquilo que pode nos chacoalhar ainda mais, pois tenho medo de não termos mais onde nos segurar se o chão ruir ainda mais.

Então ele fica mais um dia, apesar de ignorar a pontualidade, torcendo para eu finalmente gritar e quebrar paredes, reagir de alguma forma, abandonar a minha inércia, deixar o chão abrir e o céu cair e nos permitir afogar no mar de mágoas que já está nos cobrindo. E então eu o aceito mais um dia, torcendo para não me retrair ao seu toque, para ficar inteiro novamente, para gostar do nosso programa como costumava gostar.

Sei que a trinca está aumentando e logo a ruptura será inevitável, mas, por enquanto continuamos aqui por mais um dia, e mais um, e mais um... talvez até acabar a temporada. Só não sei se torço para que esse dia chegue logo ou demore mais um pouco.

E me pergunto. Me pergunto centenas de vezes quando acordo, e durante o banho, e quando vou para a aula, e enquanto rio com meus amigos, e antes de dormir, me pergunto pra que porra de lugar a gente foi e como tivemos a audácia de deixarmos isso acontecer com aqueles garotos que um dia já se amaram mais do que qualquer um já amou outro alguém.

E, ignorando toda amargura que nos rodeia só continuamos aqui. Dia após dia, continuamos aqui. Talvez tenhamos medo demais de ir embora.

Ou talvez ainda sejamos os garotos que se amam mais do que qualquer um já amou alguém, ainda que já não saibamos como amar.

Doze anos

Maria Vitória Soares Porto

FACULDADE DE JORNALISMO

Ana estava sentada em sua poltrona amarela, suja e velha. A poltrona, uma sobrevivente das garras de Goiaba, apresentava suas marcas de rasgo como um soldado apresenta suas cicatrizes. A poltrona havia sido presente do pai, assim como o livro que Ana lia. O romance, um verdadeiro caos, como tudo o que Nelson Rodrigues escrevia. Papai dissera: “Querida, acho que está na hora de ler algo que vai te mostrar como as pessoas podem ser perturbadas”. Papai, estava certo, *o casamento* era estranho, mas Ana se divertia com a trama e, principalmente, com os diálogos que se davam entre as personagens. Sentia que acompanhava um dos episódios do *Linha Direta*. Sua mãe adorava aquele jornal, algo que ambas sempre faziam juntas era acompanhar os episódios toda terça à noite. Seus pais eram diferentes, não regulavam nada com relação à filha mais velha. Não eram daqueles tipos que contavam histórias na hora de dormir, ou que verificavam a lição de casa, ou que controlavam o horário de ir para a cama. Seus pais, na maior parte das vezes, eram crus nos gestos e nas palavras. Ana aprendeu a lidar, e lidando seguiu ela mesma impondo determinados limites. À medida que experimentava, percebia que algumas coisas eram boas e outras nem tanto. Quando dormia tarde, sentia toda a disposição fraca e dizia a si mesma que não mais ficaria acordada. Definiu que antes das 22 horas já estaria na cama. Quando comia muitos doces e passava mal, prometia a si mesma que iria regular, e de fato passava a comer bem menos nas festinhas de seus amigos. Quando quase ficou de recuperação em matemática (nunca gostou da matéria), decidiu que iria estudar bem mais e que não aconteceria outra vez. Ana não culpava os pais, e nem mesmo sentia falta de tantos cuidados como os que via com relação a seus amigos. Via de fato o quanto ambos trabalhavam duro para sustentar as três meninas. Não possuíam muitos bens, além de uma casa no interior de São Paulo e um carro velho. Ana tinha dentro de si aquela compreensão que poucos possuem. Ana via os acontecimentos ao seu redor e os interiorizava. Guardava tudo o que podia no coração e quando via determinada situação, sabia agir da melhor forma que conseguia, pois, afinal, tinha apenas 12 anos. Na escola, até mesmo os professores não se dedicavam muito a ensiná-la, pois enxergavam Ana como uma criança surpreendentemente responsável e esperta, e quando nos deparamos com alguém que não demanda tanta atenção, tendemos a deixar de lado. Qualquer pessoa que se aproximasse muito da menina e passasse alguns poucos minutos a conversar com ela, notava quão inteligente era, quão ajuizada era. Mas, ainda assim, Ana só tinha

12 anos. Ana cuidava de suas irmãs quando os pais saíam e se divertia com as pequenas, de 8 e 6 anos. Ana sabia que não devia mexer com fogo, sua mamãe lhe havia ensinado e ela aprendeu que devia apenas mexer no micro-ondas para esquentar as comidas que sobravam da janta. Mas, nesse dia, as duas meninhas tinham aula de balé. Ana não gostava de balé, ela preferia ler. Lia com gosto tudo o que podia. Uma menina que tinha apenas 12 anos, mas que já havia lido grandes escritores, como Flaubert, Henry James, Dostoiévski, Lispector, Tolstói. Ana devorava livros como se devora uma deliciosa pizza. Ana amava ler. Ana tinha apenas 12 anos. Ninguém a ensinou a ter gosto pelos livros, foi ela quem instigou o pai a ler. E o pai, já identificando rapidamente que tipo de literatura lhe chamava atenção, aprendeu a apreciar os escritos de Nelson Rodrigues. E não viu problemas que a filha, de apenas 12 anos lesse também. “Talvez assim aprenda como o mundo é hipócrita e horroroso, e me poupe de explicar algumas coisas”, pensava o pai. Mas Ana só tinha 12 anos e nem tudo o que lia, compreendia de fato. Goiaba, deitada na cama, se espreguiçou jogando o bumbum para trás e abrindo a boca. A gatinha era uma mistura de preto e branco, e o narizinho que era todo rosa, possuía um pontinho preto, como uma pinta. Goiaba fora presente de seu avô quando a menina fizera 4 anos. Desde então, o bichano não ficava longe dela; de todos na casa, Ana era sua favorita. Ana exalava a calma e a serenidade de que até mesmo os animais gostam; que fazem, humano ou animal, querer estar sempre por perto desta menina especialmente meiga e compreensiva. A gatinha pulou no chão e do chão se dirigiu à porta fechada, e começou a arranhar, indicando que gostaria de sair. Ana, com toda a tranquilidade, colocou o romance em cima da mesa ao lado da velha poltrona e, andando em direção à porta, virou a maçaneta, deixando que o bichano saísse. Provavelmente estava apertada a pobre gatinha, pensou a menina. Ana entedia muitas coisas teoricamente, sabia que o mundo era um lugar estranho e que muitas pessoas eram malvadas. Para uma menina que lia Nelson Rodrigues, não existia muito o que ela não pudesse conhecer com relação a chagas humana. Mas ela apenas conhecia do papel e, por mais que fosse inteligente, Ana ainda era uma criança. Ana só tinha 12 anos. Ana amava ler. Ana não era tão esperta como todos pensavam. Ana seguiu de volta para sua poltrona amarela. A poltrona velha que seu papai lhe dera. Acima da poltrona, pendurado na parede, havia um crucifixo. Seus pais não eram pessoas muito religiosas, mas de vez em quando a levavam na missa dominical, e Ana aprendeu a gostar de ir à igreja. Ana via beleza nos ícones expostos e gostava de repetir junto com outros estranhos palavras que ela mesma compreendia muito pouco o que significavam. Ana então passou a frequentar todos os domingos. Ia andando sozinha à igreja mais próxima de sua casa. A igreja não ficava muito longe, e os pais de Ana achavam bom que ela tivesse algum lugar para ir. Eles não a levavam, pois Ana era responsável, Ana era esperta. Quem é responsável e esperto não demanda tanta atenção. Quem é esperto sabe se cuidar. Era preciso cuidar das menores, que eram, como a mãe dizia,

verdadeiras pestinhas. Ana só tinha 12. Mas as vezes ela não ia sozinha, ela ia acompanhada do seu vizinho. Ele era uma pessoa legal e também ia à igreja. No início, Ana ficou com medo, mas, quando viu que ele não a seguia, mas apenas ia à Igreja, o medo foi embora. E quando ele um dia falou com ela, Ana decidiu que ele não era mal, pois ia à Igreja. Ana ainda não lia romances de Nelson Rodrigues, e ele passou pelo filtro dela, o filtro que os pais lhe colocaram das pessoas desconhecidas. Ele já não era tão desconhecido, ele era da igreja. Ana só tinha 12 anos. Ana era esperta, compreensiva, meiga, inteligente. Ana não chegou a sentar na poltrona, pois alguém bateu na porta. Ana então foi ver quem era. Era o vizinho. Os pais de Ana não conheciam o vizinho tão bem, eles trabalhavam muito para sustentar as meninas. Quase não ficavam em casa. Ana só tinha 12 anos. “Acho que sua gatinha se machucou, Ana”, disse o vizinho. Ele vestia uma calça jeans e uma camiseta preta. Ele era um homem bonito, mas Ana não sabia se ele era casado. Ele não era velho, disse que tinha 38 anos. Ele segurava Goiaba que estava com a patinha manchada de sangue. Ana se assustou, e sem falar nada pegou a gata e levou para seu quarto. O vizinho seguiu Ana para dentro do quarto. Ana era esperta, compreensiva, inteligente, responsável, meiga, doce. Ana não era tão esperta, Ana não sabia se cuidar tão bem, Ana ainda não tinha lido Nelson Rodrigues, Ana foi tola. Mas Ana era pequena, Ana só tinha 12 anos. Ana ouvia na missa o padre falar do inferno, do pecado, do arrependimento, da salvação, de Jesus. Ana passou a amar esse homem chamado Jesus. Ana foi ingênua, porque Ana não sabia nada da vida. Ana não entedia que as pessoas nem sempre são quem parece e que, para conseguir o que querem, fingem ser o que não são, fingem ir para onde não vão quando observam uma menina andando sozinha. Quando os pais de Ana chegaram naquela noite, a poltrona já não era amarela, mas vermelha, o crucifixo já não se encontrava na parede, o romance estava jogado no chão. Ana só tinha 12 anos, ninguém cuida de quem é responsável, ninguém se preocupa. No cemitério, o pai de Ana lembrou de Cartola: “Ainda é cedo, amor. Mal começaste a conhecer a vida, já anuncias a hora de partida, sem saber mesmo o rumo que irás tomar”. E lhe doeu o peito, porque pensou que a filha não era tão esperta e precisava de seu cuidado. A poltrona ficara vermelha e Nelson Rodrigues jogado no chão.

Madalena (se ainda existe)

Diogo Setin Mosna

FACULDADE DE JORNALISMO

Madalena, se ainda existe, está boiando na gélida água da piscina, clamando luar, enquanto flutua com aqueles pensamentos irreduzíveis. Flutua por aí, em azure hostil de uma noite tépida, sonhando o não ser, fingindo o “não há mais”, querendo se esvaír nesta tão morna poça lacrimejada, paralisando-se para sempre, congelando no tempo sua versão eterna como essa. Sim, por mais frígida que fosse, recortada pela vida e seus infortúnios, temia que em diversos momentos de seus dias o tempo parasse. E tinha medo de que sua versão, a qual ficaria estampada na lápide do universo, fosse essa, infeliz, e calejada, e ordinária. Temia ficar assim para o todo sempre, eternamente miserável.

Se ainda existe, talvez esteja já seca pelo tórrido zéfiro do fim de uma primavera vã, fumando recostada em uma espreguiçadeira cinzenta com traços de requinte e de futilidade. Arqueado corpo de uma meia-idade deteriorada, envolto por um robe verde aguado, encobrindo-o tolamente com um trapo translúcido até beirar o piso úmido. Se de fato existe, há uma brisa relutante percorrendo o sobrado silente, penetrando por suas frestas recobertas em uma tentativa de Art Déco espantadiça.

Madalena, com olhar atmosférico e sorriso desconcertante, busca sentido na fumaça que agora sai de sua boca, crendo que é menos danosa do que a própria mente, entorpecida pelo amargor do *laddie cosmo*, pronto para fazê-la exprimir uma feição franzida e um rugido de remorso. Quiçá, inebriada em seu devaneio, ajeita involuntariamente com a mão esquerda os fios escuros soprados em sua têmpora. Espia a lua tristemente e se recorda de “Estrada Branca”, com um sorriso inibido germinando em seu rosto.

O medo. Aquele medo retorna à mente de Madalena (se ainda existir). O pé a brandir, as duas esferas pretas a piscar. “Quando?”. Como quem leva um susto, salta para frente, levanta-se da espreguiçadeira em tremor multidimensional. A ventania, antes vigorosa, agora a enfezava. Pronto! Cansou-se da área externa, enjoou da piscina. Era isso.

Não era mais Eraldo quem fazia a pergunta, mas a própria mente em erosão:

— Quando vais me deixar, Madalena?

O medo de viver o que não compreende. De reviver o que viveu e ficar peregrina no tempo, como Stela. Aquelas rosas molhadas na mente enquanto percorria as escadas ligadas ao alpendre

umbroso. Se vive no tempo, então seria Madalena o degrau no qual a vida sobe para chegar ao grande nada do universo? Ou não mais vida, mas morte em mero lapso de hora?

Sem respostas, Madalena, em vida ou morte, senta-se ao chão e se põe a chorar. Sem Eraldo, retorna ao momento, enxuga o rosto. No espelho, encara as marcas da resiliência, exigida pelo sopro vital. “Quem poderia ter me soprado a carne desse jeito?”. Exclama ao índigo estático, porém, não obtém retorno. Sem conclusão, pensa em saltar ao teto, romper-lhe o limite da gravidade, e ser lustre. Ser lustre para tanger a luz; para assemelhar-se ao Febo, em um delírio de persona; para, enfim, ser clareza.

Como que pétrea na ventana, nem lembra mais como descera do teto, se é que subira. Diante do perverso, mostrava-se obscena. Diante da luz, era a própria sombra. Diante do fim da madrugada, fazia-se névoa. Se pudesse, seria o frescor das lufadas noturnas, a percorrer a cidade sem ninguém para notá-la. Para dissolver-se no alvorecer, enquanto as maritacas anunciam seu repouso. Um trinado de maritacas... E um trinado de água?

Invisível! Invisível! Invisível! – a mirtazapina diluía-se na lucidez de Madalena. Está invisível, por ora. A banheira enchendo freneticamente, à medida que o fantasma aguarda o dilúvio. Afunda primeiro os dedos destros. MORNA. Afunda-se, então.

A lua a espiar, por trás de seu véu gris. O vapor escorrendo por baixo da translúcida porta do banheiro. A sacada aberta reluta em me deixar entrar.

Portanto, espero o retorno. Permaneço estoico aqui. Mas Madalena escapa de mim, sinto que está fugindo das minhas mãos. Ela tem asas! Dificilmente as usa. Como se estivesse acorrentada no que lhe causa dor.

Vejo-a tentar voar. Sonâmbula, recorre aos sentidos externos. Nada encontra. O inabalável breu da desolação. Desequilibra e cai. Não há segundos suficientes para apanhá-la. Cai e, inerte, envolve-se em um manto marsala, no rígido solo de céu espelhado. Paralisada, perpetuamente miserável. Se tenta existir, fracassa instantaneamente. Se tento recolher as reminiscências, nada há para restar.

Nada há...

- - - - tartaruga astral vindo em sua direção, nadando no anil estrelado. No casco carrega sabedoria anciã e longevidade incorpórea. Ela vê Madalena e eu, afogando-nos no prelúdio da existência. E como que de prontidão, tartaruga astral nos afunda ainda mais, transportando-nos pelos minutos das horas, pelas horas dos dias, pelos dias de inatividade, nos quais o espírito se confirma, e justamente por isso, dá-se a revelação da mais incômoda verdade: Madalena provavelmente nunca existiu, muito menos eu.

O “ser” não passa de um rascunho pueril em que os indivíduos esboçados, disformes, fingem a montagem humana colada à restrita sulfite. Uma vez desenhados, estagnados serão. Sei que fui, porque o fim me harpeou. Sei que não sou, porque nada há. Há apenas, sequela de frágil inconstância efêmera, um leão-rei cavalgando rumo ao azure hostil, por toda a eternidade – se é que existe.

Nublado c(éu)

Samara Rudiger Costacoi

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS

Tal como o céu nubla,
A mente lúcida também se encobre,
E aquilo que se esconde
Em toda mente entrevece.

A visão torna-se túrgida
E obscurece
Toda treva que a fundo resplandece.

O passado não se esquece
E em instantes de fúria
O esquecido ontem engrandece.

Pouco a pouco a molúria
Se alimenta,
Fomenta a fúria
Do mal que se alenta,
Transformando as cinzas nuvens em tormenta.

A chuva que tempestua a alma
Recai sobre uma pessoa apenas,
Sobre aquela incapaz de perdoar
Aqueles outros coitados que lhe causaram penas.

No que diz respeito do trevoso infeliz
Que sofre, pesa apenas seu ar,
E aquele que condiciona seu sofrer
Banha-se liberto nos seios de calmo mar.

Nubla o ferido
Por não conseguir largar ao olvido
O instante impreciso
Que lhe fez esquivar o riso.

O céu do triste
Abre e fecha
Simplesmente por dar brecha
À infeliz memória que persiste.

Fragmentos da comunicação

Jacqueline Linke Saltes

FACULDADE DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

Líquido, fútil e superficial
Relacionamentos que vêm e que vão
Sociedade que se fragmenta
E tudo ao redor se tormenta

Duradouro, modesto e profundo
Sem complexidade, apenas naturalidade
A realidade idealizada, momentos sinceros
Sem necessidade de um aparelho obscuro

Presos em bolhas
Mergulhados na areia
Induzidos por máquinas
Manipulados por redes

E a obsolescência que reine
Onde até humanos têm prazo
Válidos como um celular e dignos como criadores
O que resta é apenas adiar nossas dores

ikebana

Débora Silvestre Aguiar

FACULDADE DE LETRAS

acontece que nem tudo são flores
ou talvez o sejam
afinal, as flores dos buquês e dos caixões
nascem todas no mesmo lugar

passadas de mão em mão
por remorso ou admiração

meus ossos e sangue
se tornaram pó
e adubaram estas flores
que nascem, crescem e morrem
para toda a humanidade
como toda a humanidade

Flores e Gracianas

Camila Rodrigues Santos

FACULDADE DE DIREITO

Fortalezas se erguem em pleno azul mar
Rochas invadem a costa para poder cercar
Todo o pasto verde de paz
o som da calmaria que ele traz

O campo já não é como antes
E as flores são apenas plantas
Ouvi uma criança interior chorar
Alguém trouxe flores à Graciana?

Era uma rocha por fora
E dentro havia flores e brotos que iram de nascer
Era ferro ardente na língua
Mas seu coração pulsava até arder

Ouvi uma criança interior chorar
Correndo pelo campo cheio de lama
As barreiras estão diminuindo
Alguém salvou uma flor para Graciana?

A casinha atrás da cachoeira a espera
Seu novo esconderijo, seu local reserva
Ela se ergueu de novo e voltou a lutar
Percebeu que sua vida foi feita para salvar

Toda vez ela cai e levanta
Cada vez mais machucada
Mas sempre cheia de esperança

De novo o campo se estreita
E começa a nova colheita
A criança interior parou de chorar
E agora quem rega o campo não pode parar

Para o campo ela se entregou
Ninguém sabe o que a motivou
De volta ela imerge na grama
Hoje lá no campo da fortaleza
Nascem flores e Gracianas

Escola americana

Carolina Figoli Aguirre Zurcher

FACULDADE DE MEDICINA

Era meu primeiro dia de aula no Jardim de Infância, e como se um primeiro dia com todos se referindo a você como “a menina nova” não fosse assustador o suficiente, minha situação era ainda pior, pois eu era chamada de “*the new student*”, e meu conhecimento linguístico de inglês se limitava a “*yes*”, “*no*” e, claro, “*play*”. Para elevar o grau de pavor da situação, pode-se somar o fato de que tudo isso se passava em dezembro, no meio do ano letivo norte-americano.

Estávamos todos jogando bingo, ou melhor dizendo, “tentando jogar”, como era mais meu caso, já que eu não era capaz de compreender palavras de alto teor intelectual tais como “*cat*” e “*dog*”, quando surgiu à porta uma mulher que pronunciou uma série de palavras incompreensíveis para minha professora. Apesar de eu não ter sido capaz de entender nada (esse é o significado da palavra “incompreensíveis”, afinal de contas), eu sabia, porém, que deviam ter um péssimo significado, já que naquele momento, todos os alunos da sala começaram a berrar, produzindo um grunhido coletivo ensurdecedor.

Fomos tirados da sala de aula e levados em fila indiana até um elevador, dentro do qual tive a chance de indagar em portunhol a uma menina de descendência espanhola o que estava acontecendo. Ela me respondeu uma longa frase em espanglês, da qual fui capaz de compreender apenas a palavra “santa”.

“Santa”?! Então essa era a solução? A situação em que nos encontrávamos estava tão ruim que eu deveria apelar à ajuda divina? Restou-me ainda, porém a esperança de que a espanhola fosse ligeiramente exagerada.

A porta do elevador se abriu, estávamos em outro andar, buscando algum ponto de referência ou algo que pudesse me dar uma pista de qual seria meu destino. Avistei ao longe um grupo de crianças que à primeira vista era igual a nós; no entanto, olhando mais atentamente, notei haver algo de estranho. A cada passo que dávamos, nos aproximávamos delas, até que eu finalmente pude identificar o que gerara a sensação de estranheza. Foi nesse momento que meu último fio de esperança se foi: dos lábios de todas as crianças do outro grupo escorria um líquido vermelho espesso. Seria aquilo sangue?

Tentei correr! Porém, em questão de segundos, minha professora me agarrou pelo braço e me atirou dentro de uma sala. Não satisfeita, ela se foi com os outros da turma. Pensei estar sozinha

no local. Quem dera isso fosse verdade! Tão logo meus olhos se adaptaram à baixa luminosidade do local, fui capaz de ver um homem extremamente gordo e de aparência cruel sentado em uma poltrona a alguns passos meus.

Lembrei-me do conselho da minha nova amiga e pus-me a rezar. Infelizmente, o homem não possuía muito respeito pelo divino, ele me agarrou e me posicionou sobre suas pernas, onde sabe-se lá o que pretendia fazer. Nesse momento, pensei nos conselhos de meu pai e resolvi apelar a uma estratégia mais eficiente: cerrei meus punhos e mirei bem no nariz do brutamontes, o qual me soltou imediatamente para estancar o sangue que escorria.

Subitamente, ouvi um choro de criança e pensando tratar-se de mais uma vítima do gordo sanguinário, virei-me para a direção do ruído. Encontrei, no entanto, um cenário bem diferente daquele que havia imaginado. Realmente, havia uma criança chorando, que estava cercada por outras em estado petrificado, todas com as bocas pintadas de vermelho. No entanto, a cor era proveniente do bolo vermelho e verde que estas comiam. Não conseguia compreender o que se passava até que o menino conseguiu parar de chorar e grunhiu:

— *She's punched Santa Claus!*

Socar o bom velhinho definitivamente não era a melhor maneira de se fazer amigos.

A clínica do trágico e da ostra

Caroline Bravo Castellon da Silva

FACULDADE DE DIREITO

Uma vez ouvi de uma pessoa que “ostra feliz não faz pérola”. Não entendia o que isso significava. Para mim, essa coisa de ficar filosofando demais sobre a vida não me era comum, muito menos estudar o habitat marinho e a biologia das ostras! Não tinha tempo para pensar nisso - ou acreditava não o ter.

A verdade é que essa afirmação, a qual eu rejeitava (ou postergava) pensar sobre, criou vida própria, se dilatou da perspectiva intelectual e veio bater diretamente na porta da minha vida. Sim, da minha vida.

Por que eu digo isso? Só os mortos sabem.

Acredito que exista uma realidade paralela em que eles possam rir de nossas vergonhas e medos. Acredito que assim o façam, pois eles, sim, bebem da verdade do universo. Eles, mais do que ninguém, podem ser os julgadores de nossas atitudes, pois já viveram o que, supostamente, tinham para viver. Não são nossos parceiros ou concorrentes na Terra e, portanto, são tão imparciais quanto um juiz deveria sê-lo. Gozam, pois, da eternidade, calma e mansa como uma pluma.

Quando li Rubem Alves pela primeira vez, pude entender a tal referência. Da simplicidade à extravagância: não importa. A questão é que todos temos vulnerabilidades, sonhos e inquietudes.

São nos lapsos que rompem e mostram nossas vergonhas e medos que a dor aparece e se parece como uma fresta que vislumbra uma realidade alternativa, na qual aqueles nossos sonhos são projetados como uma película de filme. A dor se consubstancia em uma perda, uma ausência, uma palavra ou a falta dela.

É no frenesi da correria diária que, uma hora ou outra, ela aparece para nos mostrar que temos que ir mais devagar, mudar a embreagem, prestar atenção, escolher uma rota diferente. Quem nunca o fez, não saberá o que digo aqui. Mas aqueles de quem ela bateu a porta e a fez abrir saberão sobre as escolhas trágicas que devem ser feitas.

As escolhas são como os grãos de areia e impurezas que penetram o interior daquele ser vivo marinho. Uma a uma, causam certa agonia. Mas, superado o processo, o resultado é praticamente eterno. A beleza e o valor de cada pérola produzida terão uma história única para se

contar sobre. Aqueles que apenas apreciam seu brilho ainda não passaram pelo processo de produzir uma pérola.

Assim, momentaneamente feliz, me encontro novamente ao mar, na esperança de vislumbrar um pouco mais daquilo que ainda não é, mas poderá vir a ser.

Visita de mãe

Rogério Moreira Benevides

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Estava fazendo almoço. Coisa simples, feijão com arroz literalmente. Depois de dourar o alho, fritar o arroz, como minha mãe me ensinou, coloquei água e tampei, deixando uma fresta. O feijão já borbulhava, quase pronto. Saí da cozinha por um minutinho e quando voltei: hummmm! Então peguei a bisteca que tinha temperado e colocado pra marinar uma hora antes. Nada demais, sal e pimenta na carne, alho, cebola, açúcar, um pouco mais de sal, azeite, molho inglês e suco de limão caipira numa tigela à parte. Fritei duas, fiz o prato do sogro, fritei mais duas e fiz meu prato. Fui pra sala, com grandes expectativas quanto à carne, mas o arroz com feijão foi minha grande surpresa.

A gente sente quando tem a mão da mãe da gente nas coisas. Ela me ensinou a cozinhar quando eu tinha 10 anos, pra cuidar dos meus irmãos. Me ensinou a lavar a louça, limpar o chão e a ordem em que as coisas deveriam ser feitas pra que tudo desse certo.

Hoje ela esteve um pouco mais aqui comigo. Hoje ela disse: “Não tem problema um pouco mais de óleo ou um alho mais tostadinho (sem queimar) na panela do arroz”. Hoje ela me permitiu chegar mais perto dela, pelo cheiro da comida na cozinha. Pelo gosto do arroz com feijão igual ao que ela fazia. Digo chegar mais perto porque trago ela sempre aqui comigo, mas hoje ela veio pra cozinhar e isso é maravilhoso!

O amor de mãe é o único elemento mais poderoso que o tempo. Mais poderoso que a relação do tempo, espaço e as sinapses que nos indicam a verdade sobre os sentimentos que nos une, de tal forma que, mesmo depois de seguir seu caminho, ela tem tempo pra vir aqui me dizer: “Ei, tá tudo bem, meu filho... Não tem problema”. Meu objetivo como cozinheiro é estar um pouquinho mais próximo dela, da maneira dela de colocar seu amor na comida que fazia. Bom, hoje eu alcancei esse objetivo.

Mãe, vamos combinar da senhora vir me ensinar a fazer aquele frango com laranja que a senhora ficou me devendo a receita? Te amo sempre e pra sempre. Até qualquer dia.

Vernal Ridge

Juliana Peron Gothe

FACULDADE DE MEDICINA

(Within the fervid turmoil borderlines, we ripened discreetly. Albeit humankind has been shattered, the squalls could be weathered. Now the passion nurture of spur arises sharper as we lean on the sapience life and miseries we survive).

Spread down in words
Plunge tight behind a silky glass
Ahead tale of how shadow surpass
Lunge this crumble hymn towards

Frightened to commit
For searching thoughts
Door another between knocking knots
Wired we onetime forbid

Love like fowls, a belief to sprout
Dawn resting spoons cozy

Though your bedside doesn't grip
Sober fogs and a skittish skin
Echoes from those close nights we sleep
River where tomorrow fish swim

Yet human claws are cold
As reptile holes in winter dens
If it is mellow scuddy we unfold
Riptide is aware of our arousing trends

Confide inside this wonder whimsy
Pilgrimage blossoms; it's our royal genesis

On the turf cubic Acacia trees
Debunk by summertime breezes
gone cruised by unraveling threads
Skunk portals with physics congrats

Among gloomy space bricks
Fighting against the dark greed
With rose lightsaber color bleed
Outside we get our off-kicks

Cheek by jowl bond amazingly
In this moment, we find loyal tenderness

As Seraph opens the eyes
to the artery light below
Glimmers bougies will roll
Forward looking to our lives

First house on mountain ridges
Thirsty autumn living leaves
With look-alike ants from our gazing edges
And flares from hidden eaves

The seasons' wheel lay out
And times eternal an awakening posy

Catwalk

Lívia de Resende Bigelli

FACULDADE DE LETRAS

Like the striped cat,
the caterpillar walks
from foot to foot.

The Three Hearts

Isabelle França Rocha da Silva

FACULDADE DE DIREITO

Tales of old tell of a time when three unlikely people simultaneously ruled a kingdom each: a noble, a knight and a poet. Although often referred to together, those reigns had nothing in common, except for their doom.

The haughty noble governed a rich kingdom. The golden walls of his gigantic palace reflected all the wealth he had accrued over his twenty years wearing the crown. He was known for the great feasts he threw, with spirits and music that lasted until the first light of day. “*A bell of a ruler*”, peasants would say whenever the noble’s kindness was transformed into providing shelter and food for them. Yet, everything changed when an unusual frosty season froze the crops and killed the animals. Servants began to die out of cold and starvation. Many wished to protest against the noble’s neglect, but they lacked in strength. The truth about their governor met the light. A chilly spark struck the noble that he could encounter the same disastrous destiny as that of his peasants if he did not look out for himself. And so he did by being isolated in his palace with all the food there was left in the kingdom, leaving everyone else to die. When warmth finally peaked, it was too late; the noble was alone. Not a single other heart beating in the vastness of his feasts.

The fearless knight governed a powerful kingdom. The faltering situation of his almost abandoned castle was compensated by the protection and happiness he offered his servants. No one dared to encroach on his reign, as everyone feared his warmongering sword, which had already turned hundreds of cities into ashes and memories. “*A bell of a ruler*”, peasants would say whenever the knight’s valor made them safe. Unlike the noble, the knight, when the frosty season took over, moved mountains in order to guarantee his people all the aid they needed. Without losing courage, he pillaged towns and helped the poorest families keep their homes warm with fires and blankets. The moment the streets were free of snow, people celebrated their governor’s virtue, which had secured even the weakest child to live. And, yet, because of his excessive effort, when the knight was finally able to rest, solitude enveloped him and stopped his heart. In spite of taking care of everyone, he had forgotten to look after himself.

The passionate poet governed a calm kingdom. He was neither a greedy noble, nor a heroic knight. His manner of managing his reign and people was through what he called a lyrical composition of words. The sensitivity he possessed was evenly distributed between caring for

himself and others. This way, the poet was not rich or powerful; he was enough. He loved his peasants just as much he loved his image reflected in the water. Once the cold calamity struck his kingdom, the ruler sought aid from neighboring towns. It was not absolutely effective, as some people died because of the little food provided, but the poet was capable of establishing some stability until the first flowers started to bloom. Of the three reigns, one could argue the poet had been the most successful. Still, his peasants were the unhappiest. “*A ruler of hell*”, people referred to him as they mourned the death of their children as a result of the unexpected cold. The murderous governor was, consequently, sent to the guillotine by his counselors and servants to have his heart shut forever.

No other uncommon frosty season happened again, and history became a daft legend. Three hearts, with three distinct goals, that reached the same destiny.



PUC
CAMPINAS

FACULDADE DE LETRAS - ELC (ESCOLA DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO)